



Edward Said: testamento de humanista em tempos pouco humanos

Luiz Maria Veiga¹

Más notícias para quem espera que o *Google* acabe de digitalizar o que há impresso em volume no mundo (sem falar em toda a música gravada) para que a totalidade da cultura caiba num *iPod* e possa ser carregada no bolso da camisa ou dentro duma bolsa: o pensador palestino Edward Said (1935-2003), em *Humanismo e crítica democrática* — publicação brasileira em 2007 — lembra que isso será inútil sem o acréscimo da leitura cuidadosa, paciente, que ele também chama de *leitura cerrada*. Esse é o método ao qual o humanista, por mais escorado que esteja em todos os avanços da tecnologia, não poderá escapar. Ainda que esta afirmação possa parecer óbvia para muitos, nunca será demais insistir nela.

Este “último livro que ele concluiu”, segundo palavras de Akeel Bilgrami na Apresentação (p. 9), pode ser visto como uma espécie de testamento em que as preocupações com a cultura humanista e com a elaboração crítica são centrais. Nele estão reunidas três conferências “sobre o humanismo americano e sua relação com o mundo” (p. 16) conjuntamente apresentadas em Columbia, no início de 2000, um estudo sobre *Mimesis*, de Auerbach — espécie de exemplo prático do proposto nas conferências — e um “capítulo que serve como coda” (p. 17) e que discute concretamente o posicionamento do escritor e do

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP. Pesquisa: *Retrato do colonizador e do colono: a representação da minoria branca em algumas obras da literatura angolana, escritor*. E-mail: veigaluiz@uol.com.br.

intelectual diante das questões contemporâneas. Justamente por causa dessas questões todos estes textos foram revistos, acrescentados e organizados no final de 2002, já considerando o “mundo de animosidades intensificadas” (p. 16) resultante do 11 de setembro de 2001, com o aparente propósito de lembrar que “mais do que lutar, as culturas coexistem e interagem proveitosamente umas com as outras.” Said acrescenta:

É para essa idéia da cultura humanista como coexistência e partilha que estas páginas têm a intenção de contribuir, e, obtenham sucesso ou não, eu pelo menos guardo a satisfação de ter tentado. (p. 16)

Mais adiante, define sua idéia de humanismo

como uma práxis utilizável para intelectuais e acadêmicos que desejam saber o que estão fazendo, com o que estão comprometidos como eruditos, e que também desejam conectar esses princípios ao mundo em que vivem como cidadãos.” (p. 25)

E já que o próprio autor sumariou suas conferências, ou melhor, os capítulos de seu livro no primeiro deles, parece apropriado deixar que ele mesmo defina seus assuntos. Em “A esfera do humanismo” encontraremos “uma meditação ampliada sobre o alcance viável do humanismo como prática persistente, e não como um patrimônio, antes sobre o que é a atividade humanista do que uma lista dos atributos desejáveis num humanista (...)”. O segundo capítulo (“As novas bases do estudo e da prática humanista”) se constitui de

um relato das enormes mudanças na própria base da prática humanista que já ocorreram durante os últimos anos do século XX e que precisam ser traçadas muito metodicamente para compreendermos o que podemos e o que não podemos fazer agora em nome e sob a égide do humanismo.

Na terceira conferência, “O regresso à filologia”, o autor usa seus argumentos para revalorizar “uma disciplina imerecidamente esquecida e de aparência antiquada, mas intelectualmente convincente [que]

precisa ser de algum modo restaurada, revigorada e tornada relevante para o empreendimento humanista nos Estados Unidos de nossos dias." Neste caso particular poderíamos dizer que o que é bom para os Estados Unidos também vale para os humanistas (na ótica de Said) do resto do mundo.

Para complementar há o ensaio sobre *Mimesis*, o clássico de Auerbach, "o maior livro da prática humanista geral desde a Segunda Guerra [que] nos propicia um exemplo duradouro hoje em dia." (Esta citação e as anteriores estão na p. 24.) E não será dos menores méritos do livro de Said o simples fato de instigar uma retomada de Auerbach, para os que já o conhecem e despertar, se ainda necessário for, a curiosidade sobre esta monumental obra.

Quanto ao papel da crítica democrática, que pode ser vista como pedra de toque do humanismo para que não caiamos em alguma espécie de insulamento (nacional, religioso, étnico, social) ou sucumbamos acossados pela capilaridade cada vez mais intrusiva do poder, ou afogados nas ondas sucessivas de discursos vazios de conteúdo e sentido, capazes de modelar, ou pelo menos influenciar fortemente, o que se acreditava constituir pensamento individual, Said afirma que o papel dessa crítica

é ser capaz de desemaranhar o habitual do não habitual e o ordinário do extraordinário nas obras estéticas, bem como nas afirmações feitas por filósofos, intelectuais e figuras públicas. O humanismo é, em alguma medida, uma resistência às *idées reçues*, e oferece oposição a todo tipo de clichê e linguagem sem reflexão. (p. 65)

Do capítulo final ("O papel público dos escritores e intelectuais") queremos destacar os três exemplos de luta "profundamente sujeitas à intervenção e elaboração intelectual" oferecidos pelo autor para tornar concreto e palpável aquilo que, de outra maneira, poderia parecer não ir além de proposições generalistas e teóricas.

A primeira [luta] é impedir o desaparecimento do passado, proteger-se contra esse dano que, na rapidez da mudança, na

reformulação da tradição e na construção de expurgos simplificados da história (...). O papel do intelectual é apresentar narrativas alternativas e outras perspectivas da história que não aquelas fornecidas pelos combatentes em nome da memória oficial, da identidade nacional e da missão. (Esta citação e a anterior: p. 170.)

“A segunda luta é pela construção de campos de coexistência, em lugar de campos de batalha, como o resultado do trabalho intelectual.” (p. 171) O terceiro exemplo dado por Said e comprovado por sua própria biografia, é, em suas palavras, “aquele que me é mais próximo, é a luta pela Palestina” (p. 172).

E assim Edward W. Said termina esta espécie de testamento intelectual e pessoal, enlaçando reflexão e ação, demonstrando que pensamento e compromisso com a justiça estão amalgamados, inseparavelmente fundidos num humanismo que pode e deve se constituir em resposta à desesperança e à antiutopia que parecem dominar os nossos tempos.

SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. (Trad. Rosaura Eichenberg). São Paulo: Cia. Letras, 2007.